



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

GLOBO E PLATAFORMAS DIGITAIS: Uso e apropriação das novas tecnologias¹

Cintia Augustinha dos Santos Freire – Universidade Federal Fluminense

Larissa Souza Rosa Farinazzo – Universidade Federal Fluminense

RESUMO

O artigo busca compreender as disputas de espaço e poder em torno da Globoplay e dos novos agentes audiovisuais, assim como a utilização da internet por movimentos sociais no contexto do ativismo midiático, além do papel da TV Globo e das plataformas digitais na relação com a classe política. Verifica-se a apropriação das novas tecnologias na amplificação de vozes marginalizadas, na produção de narrativas contra-hegemônica, no poder de escolha do consumidor e na organização de ações coletivas. A partir de pesquisa bibliográfica e documental, com método qualitativo, referenciada em autores como Cabral, Bourdieu e Zuboff, entendendo a comunicação como um direito e instrumento de poder.

PALAVRAS-CHAVE

Novas Tecnologias; Plataformas digitais; Redes Sociais; Participação cidadã; Ativismo midiático.

1 INTRODUÇÃO

Por décadas, a televisão construiu um modelo de visão e experiência para a população brasileira que consumia seus conteúdos. Gerações de brasileiros compartilharam experiências mediadas sobretudo pela televisão, que impôs princípios, valores e representações da realidade. Como observa Bourdieu (1996, p. 29), a televisão atua como “instrumento de criação da realidade”, sendo “o mundo social descrito-prescrito pela televisão”. O avanço das tecnologias digitais transformou de maneira significativa os modos de produzir, circular e consumir informações, reconfigurando o papel dos sujeitos e da TV aberta na esfera pública, dando origem a novas formas de participação política e engajamento social. Assim, as plataformas digitais passaram a desempenhar um papel central como espaços de visibilidade, mobilização e disputa simbólica. Movimentos sociais têm se apropriado dessas ferramentas para construir narrativas contra-hegemônicas, ampliar o alcance de suas pautas e articular ações coletivas, explorando os recursos comunicacionais e interativos oferecidos por esses ambientes digitais.

Nesse contexto, em 2012, os streaming começaram a surgir causando uma quebra de paradigma de modelo estático, com uma programação que possivelmente conduziu o cotidiano

¹ Trabalho apresentado no GT1 – Meios e Processos de Comunicação para a Cidadania da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

social e historicamente tornou a TV Globo na maior emissora do país. Paralelo a isso, com o aumento exponencial de sujeitos com smartphones, os acessos às plataformas digitais emergiram. No streaming, tal fenômeno possibilitou a construção de uma nova concentração de poder nas comunicações e venda de publicidade por empresas que monopolizam os novos fluxos comunicacionais, no ambiente da internet, compreendida aqui como um ambiente comunicacional pós-massivo, que possibilita fabricar e consolidar verdades “em prol de interesse dos interesses políticos e econômicos que os movem.” (CABRAL, 2021, p.92)

O colonialismo de dados (Couldry;Mejías, 2019) tem centralidade, o dado é a matéria-prima para a exploração e mercantilização da vida, num ambiente onde monopólios digitais (VALENTE, 2029) consolidaram-se, sem intermediações, uma modulação algorítmica, capaz de alterar comportamentos e relações sociais. A captura, armazenamento e processamento de grandes quantidades de dados são uma das molas propulsoras do capitalismo, devido à ausência de regulamentação que coíba o capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2015).

Trabalha-se com a hipótese que, tanto na radiodifusão como nas telecomunicações há uma relação clientelista entre Estado e conglomerados. A TV digital no Brasil e o Globoplay parecem atender aos interesses da Globo. É possível que o debate da regulamentação do streaming e das plataformas digitais favoreça a sociedade, com uma comunicação democratizante? Como pensar a comunicação para a apropriação e ampliação da cidadania nesse cenário de controle e vigilância?

2 METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica enfoca Políticas de Comunicação, Economia Política da Comunicação e Mídias Digitais, a Constituição Federal do Brasil e o Marco Civil da internet, para analisar a comunicação, as tecnologias, os entrelaçamentos da Globo e de empresas de tecnologia nos negócios de mídia, bem como a participação social e contra-hegemônica.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A TV aberta está presente no cotidiano dos brasileiros através de cinco conglomerados nacionais que empreendem esforços em minimizar custos e riscos além de manutenção do seu poderio. (CABRAL, 2023). Já as plataformas de Streaming operam sobre uma camada da Internet, via telecomunicações que lhe dá suporte “a internet propriamente dita, um sistema sócio-técnico organizado conforme determinações lógicas de Engenharia, da camada que opera sobre ela, organizada por grandes corporações de fundo financeiro, para distribuir conteúdos conforme a lógica do mercado capitalista. Ainda que as duas camadas possam ter elos imbricados, é nesta camada superior que se concentram os grandes e graves problemas políticos e culturais” (DANTAS, 2024, p.s).

As plataformas Streaming precedem de políticas públicas de regulamentação, elas se multiplicaram e se tornaram presentes no dia a dia das pessoas, impactando o modelo de negócio da TV aberta que precisa constantemente buscar novas estratégias para atender às novas demandas do setor. Assim, a Globo torna-se um grupo *media tech* e uma TV plataformizada, estratégias necessárias para o enfrentamento da concorrência, inexistente por décadas frente às demais emissoras brasileiras.

No caso do Brasil, os meios de comunicação sempre foram usados como estratégia de controle social pelo Estado, congressista a partir dos investimentos em comunicação e telecomunicações, bem como, para os grupos de mídia em detrimento dos interesses da população. A influência da Rede Globo em políticas públicas pode ser vista, por exemplo, quando na implementação da TV digital, com a entrada de Hélio Costa no Ministério das Comunicações, com fortes ligações com a Globo e também dono de rádio “houve uma troca de favores: as emissoras fariam um ministro que atenderia aos seus interesses, indicado pelas Organizações Globo, e elas e outros meios de comunicação ligados a elas não acusariam o presidente da República pelo mensalão” (MAURICIO, 2023, p.56). Assim, os novos atores do mercado audiovisual televisivo possivelmente estão alinhadas às novas formas de organização do Estado, cenário que dificulta a participação cidadã na apropriação das tecnologias para uma comunicação cidadã.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa encontra-se em andamento e busca mostrar evidências, através de pesquisa bibliográfica e documental, que a TV Globo e as plataformas digitais foram desenvolvidas, expandidas e estabelecidas tendo em vista os interesses econômicos e políticos do Estado e do mercado. A Internet vem sendo um ambiente de disputa onde grandes empresas de mídia e tecnologia forçam a reestruturação da Globo em um grupo *media tech* e em plataforma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A TV aberta no Brasil, ainda é um meio de comunicação de grande influência e streamings televisivos atuam sem regulamentação. A internet e sua expansão trouxe oligopólio em âmbito global por empresas transnacionais, cujo processo de desenvolvimento gozam de uma infraestrutura técnica capaz de influenciar não apenas o debate público, mas decisões coletivas através das recomendações algorítmicas. A Internet como um ambiente de disputa no mercado televisivo é fundamental, mas envolve a soberania dos Estados, sobretudo uma questão de poder em todos os aspectos da vida.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CABRAL, Eula D.T. **Como democratizar a mídia brasileira diante da concentração da radiodifusão?** Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.PUC Minas. 2023.

COULDRY, Nick and MEJIAS, Ulises. The costs of connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford, Stanford University Press, 2019

DANTAS, Marcos. **A matemática da desordem informacional**. 2023. Disponível em: <https://grabois.org.br/2024/05/06/regulacao-das-plataformas-a-matematica-da-desordem-informacional/>. Acesso. Jan 2025.

MAURÍCIO, Patrícia. **Conflitos na TV digital brasileira**. 2022. PUC RIO. Disponível em: <https://www.editora.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=1057&sid=3>. Acesso jul.2023.

VAZ CABRAL FILHO, Adilson. Comunicação pós-massiva de massa. **ALCEU**, [S. l.], v. 21, n. 45, p. 92–109, 2021.

VALENTE, Jonas. Tecnologia, informação e poder: das plataformas online aos monopólios digitais. 2019. 399 f., il. Tese. UnB. 2019.

ZUBOFF, Shoshana. **Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization**. Journal of Information Technology (2015) 30, pp.75-89. Palgrave 160 Macmillan.